

Entre os fios e o manto: tecendo a inclusão escolar,
de Ana Cristina da Costa Piletti.
São Paulo: Edições Loyola, 2014.
Série Caminhos da Formação Docente. 86 páginas.

Carolina Mariane Miguel

Coordenadora de Serviços Educacionais da Prefeitura de Santo André. Mestranda do Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE-Uninove).
carolmmiguel@terra.com.br

Ana Cristina C. Piletti é mestra em Educação pela Universidade de Sorocaba e doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. A autora tem experiência na docência, na coordenação pedagógica e na assessoria de gestão em educação inclusiva, marketing e comunicação. Escreveu este livro a partir de sua dissertação de mestrado, que traz a experiência da política de inclusão desenvolvida no município de Amparo, interior de São Paulo, acompanhando a formação e implantação do Programa de Educação Inclusiva dessa cidade.

O livro é escrito por meio de metáforas e relações que a autora estabelece sobre o tecer, representando a construção histórica da escola inclusiva no Brasil, as políticas públicas existentes e as possibilidades de trabalho pedagógico nas escolas regulares. Põe o educador no lugar de quem tece, com papel importante nesse processo de conquistas e limitações. Cada capítulo é relacionado a uma história mitológica cuja personagem tece com alguma finalidade, que, por sua vez, relaciona-se com as reflexões propostas pela autora, o que torna a leitura agradável e interessante, sem perder em profundidade.

No Capítulo I, a autora explica como concebeu o livro. No Capítulo II, destaca as várias dimensões dos processos de inclusão: social, tecnológica, escolar, entre outras; discute o paradigma da racionalidade, considerando que essa lógica dificulta a apropriação da escola sobre inclusão escolar, já que incluir depende de mudar paradigmas, transformar e agir sobre o que ainda não se conhece. Ao explorar o paradigma da identidade, considera que é preciso entender como se constrói uma identidade contemporânea em que se valorizem as diferenças. Faz ainda uma resumida contextualização histórica, desde a Antiguidade, quando a sociedade exterminava ou excluía totalmente a pessoa com deficiência, até a atualidade, com a criação das escolas especiais, passando por classes especiais,

até chegar à inclusão em turma regular, destacando o quanto a discriminação e o preconceito fizeram parte dessa história. Superar essa situação é o maior desafio da escola e das políticas públicas contemporâneas em educação, desafio que não se resume a leis e direitos garantidos, mesmo porque, no Brasil, tem havido muitos avanços em matéria de legislação, mas que não têm o condão de resolver a situação.

No Capítulo III, identifica tais desafios de inclusão. Considera que o maior deles é o de oferecer o ensino regular a todos e o atendimento especializado como um recurso a mais para os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação; entende que os alunos com transtornos funcionais específicos não fazem parte do público-alvo da educação especial, mas que esta precisa oferecer suporte pedagógico à equipe escolar. Destaca programas do MEC e relaciona dados da educação inclusiva no Brasil que apontam para os obstáculos, principalmente quanto à percepção de que existem muitas políticas públicas implantadas em todos os níveis de ensino, com a permanência, no entanto, de disparidades econômicas e materiais, resistências de profissionais e governantes, além do acesso restrito às condições básicas de vida que os alunos enfrentam país afora. Explora com detalhes as questões de acessibilidade, recursos multifuncionais e tecnologias assistivas. Finaliza com o que vê como os maiores desafios da inclusão: ideologias e discursos conservadores, críticas à falta de infraestrutura nas escolas públicas, resistências das escolas em matricular esses estudantes e o argumento de que os professores não estão preparados. Porém, as mudanças só acontecem com a busca de construção de uma pedagogia da inclusão e de uma escola para todos.

No Capítulo IV, aborda mais especificamente as possibilidades de uma pedagogia inclusiva. A escola é o lugar onde a educação formal acontece; entretanto, cabe romper paradigmas para conviver com uma sociedade cada vez mais complexa, na busca por uma escola democrática e pluralista. A inclusão provoca a quebra dessa lógica tradicional, especialmente quando adota mudanças curriculares e metodológicas. Assim, cabe reformatar os modelos, organizando novos modos de representação do mundo. Não é o método tradicional, com sua educação bancária, que trará respostas para as práticas pedagógicas de uma escola inclusiva, mas os métodos pedagógicos ativos, com sua educação problematizadora, que parte da realidade e busca a transformação social, que tem o professor como mediador e os gestores no suporte à atividade docente. Uma

escola desse tipo fortalece seu projeto político- pedagógico, formando uma rede de colaboração; uma pedagogia da inclusão desenvolve um currículo adequado a todos os alunos e com a flexibilidade necessária. A autora apresenta locais de busca de informação que auxiliam o professor nessa construção.

Ao se referir à avaliação, Piletti entende que ela será sempre excludente enquanto for classificatória. Há, no entanto, a possibilidade de uma avaliação mediadora que acompanhe cada aluno em seu contexto. Falando das especificidades dos alunos com deficiência, a autora ainda destaca, neste trecho da obra, a importância da participação dos pais e da comunidade, finalizando com depoimentos muito pertinentes de 3 pais sobre o percurso escolar de seus filhos com deficiência.

Nos capítulos seguintes, a autora traz suas considerações finais, expondo o conflito ético de fazer uma inclusão processual, lenta e gradual com o difícil objetivo de quebra radical de paradigma e a afirmação de uma estratégia inclusiva que depende de todos e de cada um no processo educativo. Descreve algumas dinâmicas e projetos que podem ser usados por professores, gestores e outros interessados em discutir a inclusão, discorre sobre a necessidade de a escola fazer uma avaliação de seu compromisso com a inclusão, propondo um modelo de perguntas que podem oferecer subsídios para a escola pensar suas práticas acerca da inclusão e, por fim, sugere alguns filmes e *sites* para pesquisa.

Os quadros utilizados com frequência pela autora auxiliam no entendimento dos conceitos explorados e ajudam a organizar as ideias, além de apresentar sugestões para o trabalho pedagógico de forma clara e objetiva. O livro contribui tanto para quem está iniciando os estudos sobre inclusão escolar, dada a linguagem acessível, quanto para quem busca aprofundamento, posto que percorre questões históricas e práticas, estabelecendo relações com a sociologia e as políticas públicas e buscando cenários mais amplos que a própria escola para entender a inclusão escolar.

Dessa maneira, a leitura do livro de Piletti contempla muitos dos interesses de investigação de professores, pesquisadores e mesmo dos pais, orientando e atualizando o debate que busca avançar nas políticas de inclusão escolar.
